

AVISO Importante

Esta carta saiu, ^{115.30} literalmente muito lepidoptera.

Lisboa - julho 1915
dia 17

Meu Querido Amigo,

Venho lembrar-lhe tudo quando lhe disse na minha carta de ontem, recomendar-lhe muito que se não esqueça de passar na livraria p^a falar sobre o "Ceus em Fôgo" afim de eu saber de certeza se posso contar com o dinheiro dessa venda até 8 de agosto efectivamente. Rogo-lhe tambem que me escreva com a maior brevidade uma das suas cartas-relatorio falando-me sobretudo do Orfeu — e outras tricas literarias. O Leal circula ainda? O Santa-Rita Pintor tem aparecido por Lisboa? Etc. etc. E é verdade o Afonso Costa afinal morreu ou não? E o Sr. Sebastião chegou um jornal a dedicar



Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa
17 de Julho de 1915

[p.1]
AVISO Importante! {esta carta saiu, literariamente, muito lepidoptera.

Lisboa — julho 1915
dia 17

Meu Querido Amigo,

Venho lembrar-lhe tudo quanto lhe disse na minha carta de ontem, recomendar-lhe muito que se não esqueça de passar na livraria p^a falar sobre o "Ceus em Fôgo" afim de eu saber de certeza se posso contar com o dinheiro dessa venda até 8 de agosto efectivamente. Rogo-lhe tambem que me escreva com a maior brevidade uma das suas cartas-relatorio falando-me sobretudo do Orfeu — e outras tricas literarias. O Leal circula ainda? O Santa-Rita Pintor tem aparecido por Lisboa? Etc. etc. E é verdade o Afonso Costa afinal morreu ou não? Em San Sebastián chegou um jornal a dedicar

o seu artigo de fundo ao grande estadista morto. Todos os jornais espanhóis — e os franceses — noticiaram com efeito a morte do tribuno no dia 14. Mas já li aqui no *Matin* ou no *Journal* (só num deles) um desmentido. Logo... Preocupei-me de resto com a morte do Afonso pela sua vida, meu caro Fernando Alvaro Pessoa de Campos.

Paris, então. Ah! uma gloria. Outra gloria — outra maravilha. Maravilha que, de resto, para ser vibrada em todo o seu oiro necessita de influenciar alguém que tivesse conhecido a Cidade em plena paz. É a mesma — mas em febre amortecida. Dir-se-hia que mão fantástica fechou um pouco o registo regulador do movimento-total, da "corda" que faz mover, em relojoaria,

[p.2]

o seu artigo de fundo ao grande estadista morto. Todos os jornais espanhóis — e os franceses — noticiaram com efeito a morte do tribuno no dia 14. Mas já li aqui no *Matin* ou no *Journal* (só num deles) um desmentido. Logo... Preocupei-me de resto com a morte do Afonso pela sua vida, meu caro Fernando Alvaro Pessoa de Campos.

Paris, então. Ah! uma gloria. Outra gloria — outra maravilha. Maravilha que, de resto, para ser vibrada em todo o seu oiro necessita de influenciar alguém que tivesse conhecido a Cidade em plena paz. É a mesma — mas em febre amortecida. Dir-se-hia que mão fantástica fechou um pouco o registo regulador do movimento-total, da "corda" que faz mover, em relojoaria,

115^e-30a

Paris inteiro. Juro-lhe que desde o
proprio barulho dos automoveis, desde o
barulho — e as suas buzinas — até
aos timbres electricos, chamarizes dos
animatografos e mais baiucas, tudo
se atenuou, esmaeceu, velou, diluiu —
mas permaneceu em encanto —
mais penetrante hoje por subtilisado,
do, imponderalizado, cendrado —
mas simultaneamente febrilizado
em novas crispacoes. Não sei
explicar-lhe o que quero. Mas
em fim, suponha isto — tal e qual:
uma grande cidade, as cidades
da minha musica e dos meus livros —
rutilas de Europa, largas, peçadas
de transito e movimentos — rendez-
vous cosmopolitas, farfalhantes de
acção. Pois bem: suponha que assim como o
guarda freio dum electrico,
o chauffeur ao volante dum automovel
podem

Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa
17 de Julho de 1915

[p.3]

Paris inteiro. Juro-lhe que desde o proprio barulho dos automoveis deslisando nas ruas — e as suas buzinas — até aos timbres electricos, chamarizes dos animatografos e mais baiucas, tudo se atenuou, esmaeceu, velou, diluiu — mas permaneceu em encanto — mais penetrante hoje por subtilisado, imponderalizado, cendrado — mas simultaneamente febrilizado em novas crispacoes. Não sei explicar-lhe o que quizera. Mas em fim, suponha isto — tal e qual: uma grande cidade, as cidades da minha ansia e dos meus livros — rutilas de Europa, largas, peçadas de transito e movimentos — rendez-vous cosmopolitas, farfalhantes de acção. Pois bem: suponha que assim como o guarda freio dum electrico, o chauffeur ao volante dum automovel podem

acelerar ou diminuir a velocidade
do seu vehiculo — e como tambem
uma torneira permite que aumem
tamos o jorro dum repuxo a
meio dum lago — seria licito por
qualquer mecanismo de regulador
fazer o mesmo a toda a actividade
multippla e diversa da Grande
Capital. Sim suponha isso possivel.
Suponha-se fechando esse
regulador. E aqui ~~tem~~ a mudanca
toda de Paris — tão real, mas
tão enigmatica e perturbadora
na sua realidade diminuida.
Paris em resumo assim é:
Paris diminuido em grandeza,
desconhecidamente ungiu-se de
oculto, diluiu-se em incerto.
Tanto maior o seu quebranto —
que se estilisa em máfica
intensidade, á noite —
vincadamente. Lembra-se do

[p.4]
acelerar ou diminuir a velocidade do seu vehiculo — e como
tambem uma torneira permite que aumentemos o jorro dum
repuxo a meio dum lago — seria licito por qualquer mecanismo de
sonho fazer o mesmo a toda a actividade multipla e diversa da
Grande Capital. Sim suponha isso possivel. Suponha-se fechando-
abrindo esse regulador. E aqui tem a mudança toda de Paris — tão
real, mas tão enigmatica e perturbadora na sua realidade
diminuida. Pois em resumo assim é: Paris, diminuido em grandeza,
desconhecidamente ungiu-se de oculto, diluiu-se em incerto. Tanto
maior o seu quebranto — que se estilisa em máfica intensidade, á
noite — vincadamente. Lembra-se do

115-31

Homem dos sonhos, o meu
conto? Pois hoje Paris, á
noite — é a cidade que
ele viajara em sonhos: ela
própria; na treva impenetravel,
toda a vida. E rasgam-se
os boulevards, em verdade,
numa ideia só ascendente —
e desliza a vida: rolam
os automoveis, os trens —
deslizam nos largos passeios
de asfalto citadino a multidão
dos transeuntes. E com efeito
tambem todo este silencio
se reúne em musica: não
realmente em musica mas
na ideia duma melodia
impossivel que não se ouvisse,
e fosse apenas um bafo: um
halito inconstante, perfumado
em espasmo — que nós aspiramos
nos como se o ouvissemos em

Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa
17 de Julho de 1915

[p.5]

Homem dos Sonhos, o meu conto? Pois hoje Paris, á noite — é a cidade que êle viajara em sonhos: ela própria: na treva impenetravel, toda a vida. E rasgam-se os boulevards, em verdade, numa ideia só ascendente — e desliza a vida: rolam os automoveis, os trens — desliza nos largos passeios de asfalto citadino a multidão dos transeuntes. E com efeito tambem todo este silencio se reúne em musica: não realmente em musica mas na ideia de uma melodia impossivel que não se ouvisse, e fosse apenas um bafo: um halito inconstante, perfumado em espasmo — que nós aspirassemos como se o ouvissemos em

harmonia. Com efeito no
medo futurista dos grandes
dirigíveis imperiais e
agudos — só raros, raríssimos
candeeiros de gaz são acesos.
A ponto que é difícil tranzitar,
ir com muita cautela no
perigo até de entropesar. Fulgu-
ram a apoteosizar todo
o ambiente velado, se não ha
nuvens, as estrelas que se
diriam de papel prateado sobre
uma toga negra de magica nos teatros dos
millionarios. E a multidão deslisa. Deve haver beijos nos recantos —
e estiletos porventura se cruzarão remotamente nas esquinas
mais solitarias. Emfim, é o misterio emprestado a todas as coisas
— a cidade

[p.6]

harmonia. Com efeito no medo futurista dos grandes dirigíveis
imperiais e agudos — só raros, raríssimos candeeiros de gaz são
acesos. A ponto que é difícil tranzitar, ir com muita cautela no
perigo até de entropesar. Fulguram a apoteosizar todo o ambiente
velado, se não ha nuvens, as estrelas que se diriam de papel
prateado sobre uma toga negra de magica nos teatros dos
millionarios. E a multidão deslisa. Deve haver beijos nos recantos —
e estiletos porventura se cruzarão remotamente nas esquinas
mais solitarias. Emfim, é o misterio emprestado a todas as coisas
— a cidade

115-310

toda vivendo nas trevas impenetráveis. E mais se frisa então a impressão de incredulo, de duvidoso e fugitivo, num Calafrio remoto e intranquilo que mais nimba arrepiando-as as sensações diluidas, de excitação agora — esquivamente. Dir-se-hia uma cidade de furtiva, em suma, meu querido amigo: uma cidade fóra do espaço e do tempo: existindo ás escuras — colonia astral, talvez de criminosos... Não sei. Mas todas estas bizarras interseccionistas me impressiona Paris de hoje. Perdõe toda esta pessima literatura. Sabe? São apenas fugitivos apontamentos: até esboços de apontamentos — para

Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa
17 de Julho de 1915

[p.7]

toda vivendo nas trevas impenetráveis. E mais se frisa então a impressão de incredulo, de duvidoso e fugitivo, num Calafrio remoto e intranquilo que mais nimba arrepiando-as as sensações diluidas, de excitação agora — esquivamente. Dir-se-hia uma cidade furtiva, em suma, meu querido amigo: uma cidade fóra do espaço e do tempo: existindo ás escuras — colonia astral, talvez de criminosos... Não sei. Mas todas estas bizarras interseccionistas me impressiona Paris de hoje. Perdõe toda esta pessima literatura. Sabe? São apenas fugitivos apontamentos: até esboços de apontamentos — para

algumas paginas que presumivel
e futuramente escreverei. Uma
cronica. Mas uma cronica
paúllica. É verdade: e se eu
desenvolvesse tudo isto e o
ajustasse p^a o n^o 3 do Orfeu?
Como cronica, evidentemente.
Mas se lhe afigura que eu
posso tirar daqui? Deu por
crisis interessante. Diga. E
há de ficar lá no que lhe digo.
Ha muitos outros vertices.
Escreva. Por amor de Deus. E
há de se esquecer das minhas incum-
bencias e de eu contar o que
lhe disser o Augusto. Um
grande abraço e um grande
adeus.

O seu, mto. seu

Mário de Sá Carneiro
Poste Restante
Bureau des Italiens Paris

[p.8]

algumas paginas que presumivel e futuramente escreverei. Uma cronica. Mas uma cronica paúllica. É verdade: e se eu desenvolvesse tudo isto e o ajustasse p^a o n^o 3 do Orfeu? Como cronica, evidentemente. Que se lhe afigura que eu posso tirar daqui? Qualquer coisa interessante? Diga. E não se fie só no que lhe digo. Ha muitos outros vertices. Escreva. Por amor de Deus. E não se esqueça das minhas incumbencias e de me contar o que lhe disser o Augusto. Um grande abraço e um grande adeus.

o seu, mto. seu

Mário de Sá Carneiro

Poste Restante
Bureau des Italiens
Paris